

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal
O SÉCULO

N.º 725



Natal
1939



BOAS FESTAS

LEITOR amigo, leal,
BOAS FESTAS vos deseja,
hoje, este vosso jornal
que a todos abraça e beije,
fazendo votos ardentes
para que, neste Natal,
recebam muitos presentes
das mãos dos vossos paizinhos,
avós, tios, irmãozitos;
e encontrem nos sapatinhos
«bonitos» muito bonitos!

DOM CAIO

CONTO TRADICIONAL, DO PORTO

EXISTIU, há muitos anos, um alfaiate que era extremamente medroso mas que fanfarronava de valentão. Como, certo dia, vendo algumas moscas sobre a sua mesa de trabalho, tivesse morto sete, de uma só pancada, não se cansava de repetir:

— «Eu mato sete de uma vez!»

Aconteceu que, nessa época, havia morrido na guerra o general Dom Caio e o Rei andava preocupadíssimo porque as forças inimigas, sabendo do desaparecimento do seu mais destemido general, avançavam já contra ele.

Alguém que ouviu o alfaiate dizer: — «Eu mato sete de uma só vez!» — foi avisar o Rei que o mandou vir, imediatamente, à sua presença.

Preguntou-lhe o Rei:

— «É verdade que matas sete de uma só vez?»

O alfaiate, dando-se ares de importância, respondeu, muito chelo de si:

— «Assim é, Real Majestade!»

Radiante, o Rei ergueu-se do seu trono, exclamando solenemente:—

«Chegas em boa altura! Irás combater as tropas inimigas que se aproximam e serás o comandante das minhas forças.»

Imediatamente vestiram ao alfaiate o fardamento de Dom Caio! O pobre alfaiate, que era de baixa estatura, ficou ridiculíssimo, com o chapéu de bicos enterrado até às orelhas e a nadar dentro do fato.

Tremia como varas verdes quando viu chegar o cavalo branco do general, para o qual subiu com o coração mais pequeno do que um bago de trigo...

O cavalo, mal sentiu as esporas, deltou á desfilada e o desgraçado, agarrado a êle, gritava a bom gritar:— «Eu caio! Eu caio!»

Tôda a gente que o ouvia, comentava:— «Está tão chelo de coragem que até já diz que é o D. Caio!»

Como o cavalo estava habituado a seguir, rapidamente, para o sitio onde andava a guerra, foi para lá que se dirigiu, a-pesar do alfaiate lhe puxar as crinas, gritando com tôda a força dos seus pulmões:

— «Eu caio! Eu caio!...»

Não lhes digo nada, meus meninos!... Assim que o inimigo viu chegar aque-



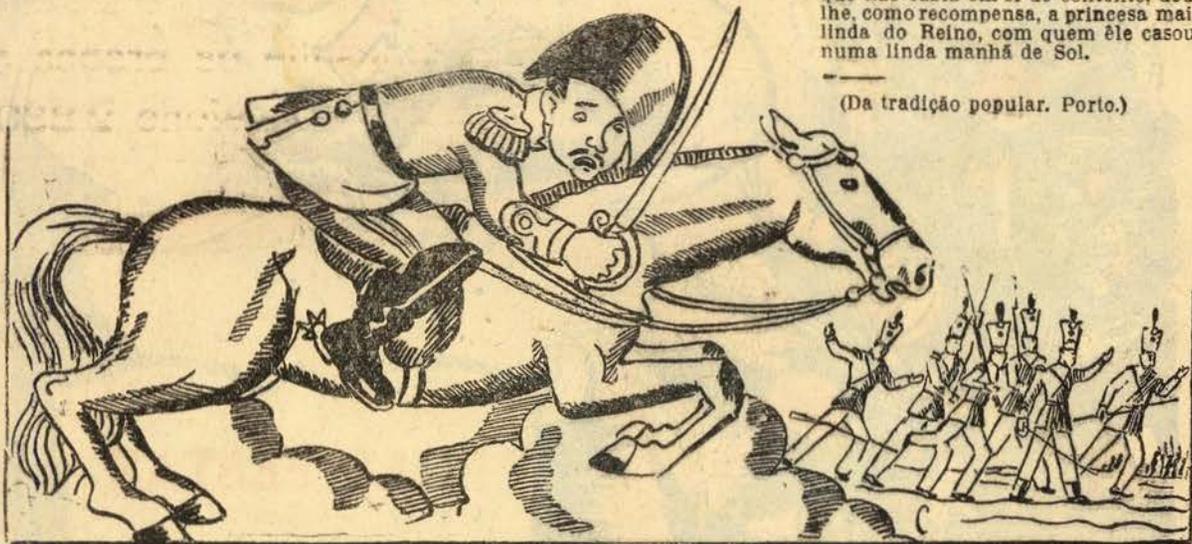
le cavalo branco, que era muito seu conhecido, e ouviu gritar:

— «Eu caio! Eu caio!...» — os soldados berravam aflitivamente, uns para os outros:— «Fujamos que aí vem o Dom Caio!»

E, por montes e vales, estradas e charnecas, as tropas inimigas desataram a fugir, sendo perseguidas pelas tropas do Rei que, nesse dia memorável, fizeram larga matança.

O alfaiate ganhou a batalha e o Rei, que não cabia em si de contente, deu-lhe, como recompensa, a princesa mais linda do Reino, com quem êle casou, numa linda manhã de Sol.

(Da tradição popular. Porto.)



Olhe, eu não quero gatinhos
Nem caezinhos
Nem macacos,
Que tudo isso, em pouco tempo,
Fica feito em mil farrapos.

Também não quero bonecas,
Porque isso valor não tem.
Pra boneca basto eu
Ao colo de minha Mãe.

O que quero é uma caixinha
Chela de lápis de côr
E mais uma borrachinha...

E um caderno de papel
Para eu fazer bonecos
Que hão-de ser mesmo um primor.

E — vá lá — para que eu faça
Coisas ainda mais belas,
Pode vir uma paleta
Com bastantes aguarelas.

Se me trazer isto tudo,
Ah! meu Menino Jesus,
Até lhe faço um retrato
Que há-de ser mesmo de truz!

Veja lá, pois, não se esqueça!
Olhe que eu cá fico à espera!
E se isto tudo me der,
Não me farto de dizer
Que um Menino igual a Si
Inda está para nascer.

E, por hoje, nada mais,
Desculpe tanta maçada.
Mas, trazendo-me o que peço
Eu já não quero mais nada.

Dê beijinhos
Aos anjinhos,

(Continua na página seguinte)

O Jôgo da BATALHA NAVAL

Regras do jôgo — São dois os jogadores. Cada um conservará em sua frente o respectivo quadriculado com 15 casas verticais, indicadas pelos algarismos de 1 a 15 e outras tantas horizontais, indicadas pelas 15 sucessivas letras do alfabeto.

Os navios: — um couraçado, um porta aviões, dois torpedeiros e um cruzador, são, respectivamente, marcados, conforme aprofundar, por cada jogador, sobre o seu quadriculado, dispersos em grupos de 5 a 2 casas, como, por exemplo, representam as gravuras abaixo.

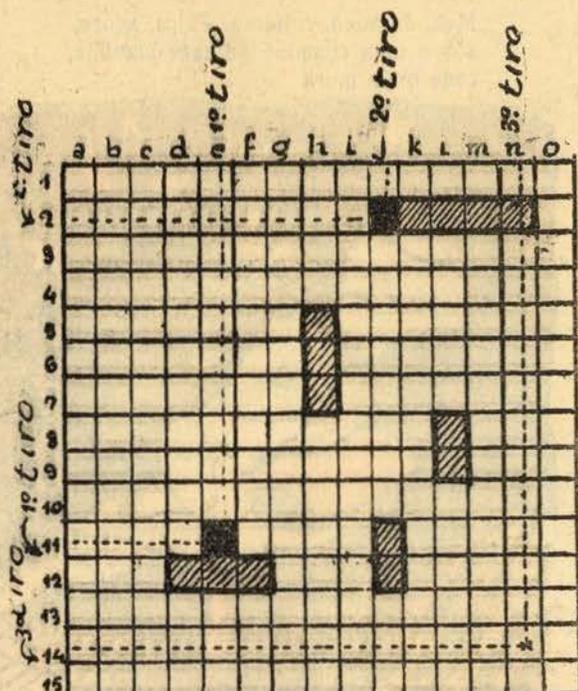
Então, cada jogador, tendo diante d'êlo, oculto do adversário, o seu plano naval, vai desfechando, alternadamente, os seus tiros, da seguinte forma: — Por exemplo, no caso figurado, o jogador A exclama: — 5-d! Como, porém, na intercepção dos res-

exclamando: — 9-L. Pelo quadriculado do jogador B, este avisa o seu adversário de que o tiro foi baldado, pois na intercepção das linhas imaginárias, não estava indicado nenhum barco.

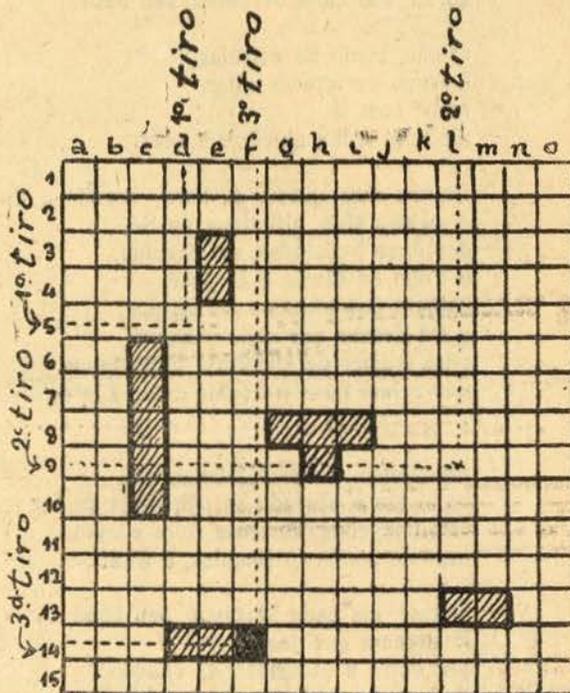
Cabe, novamente, a vez do jogador B dar o segundo tiro: — 2-J. Pelo que já expuzemos, vê-se que este jogador atingiu, com um tiro, o couraçado, facto de que o jogador B fica ciente pela declaração feita pelo jogador A.

Dispara, de novo, o jogador A, anunciando o seu o tiro: — 14-f. Então, pelo quadriculado do jogador B, constata o jogador A que o tiro alvejou um cruzador e avisa o adversário.

Cabe agora a vez do jogador B desfechar o 3.º tiro: — 14-n. O jogador A avisá-lo-á, então, de que o tiro caiu no mar, isto é, que não alvejou nenhum barco. E, assim sucessiva-



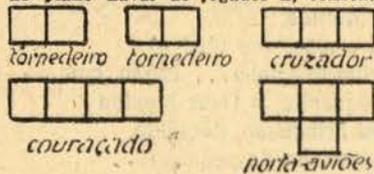
JOGADOR A



JOGADOR B

pectivos alinhamentos, não estava situado nenhum barco de guerra ou porta aviões, o jogador B avisa o adversário de que a bala se perdeu no mar, dizendo apenas: — Mar!

Em seguida, o jogador B exclama: — 11-e! Pela gravura acima, no plano naval do jogador A, constata-se que o tiro alvejou o



porta aviões. Então o jogador A exclama: — Porta aviões atingido e cobre a lápiz ou a tinta, a parte alvejada.

Joga, novamente, o jogador A que desfecha o segundo tiro,

mente, os jogadores vão dando os seus tiros, até que seja completamente atingida toda a esquadra.

Assim que cada barco tenha sido completamente alvejado, o adversário declarará: — «barco no fundo!»

Ganha o jôgo, claro está, aquele que primeiramente haja afundado toda a esquadra inimiga.

N. B. — É conveniente cada jogador ter outro quadriculado onde vá marcando os barcos do adversário, à medida que tenham sido alvejados.

Um abraço a S. José,
A S. Pedro, a S. Tomé,
A todos mais que o céu tem
E a Nosso Senhor também.

Muitos e muitos beijinhos
A' sua linda Mãezinha.

Para o Menino Jesus
Um grande chi-coração
Da sua amiga

Jêninha.

Pela cópia: Francisco Ventura.

Uma boa notícia

A BOLINHA MÁGICA é o título duma linda novela infantil, de Augusto de Santa-Rita, ilustrada a côres por Arcindo, que, numa edição luxuosa, a «Livreria Portugália», da Rua do Carmo, em Lisboa, acaba de pôr à venda.

Esta interessante novela, cujo movimentado enredo brevemente será apresentado no palco de um dos nossos melhores teatros, constitui a melhor oferta que pode ser feita a uma criança, como brinde de Natal.

Véspera do Natal

DOR AUGUSTO DE SANTA-RITA

VÉSPERA de Natal... Três badaladas
sõam no sino, altíssimo, da Sé.
Três quartos de hora. É noite... Estão fechadas
tôdas as portas, tôdas as janelas.
Para além delas
dorme, em cada bercinho, seu bébé.

O céu, cheio de estrêlas,
é como um grande altar
onde, com fé,
dir-se-ia a lua ajoelhar e orar.

Dentro dum quarto de hora, quando o sino,
o mesmo sino, altíssimo, da Sé,
der doze badaladas, um Menino,
o Filho de Maria e S. José,
baixará dos espaços peregrinos
e irá descer por cada chaminé,
para encher de «bonitos» os meninos
que sejam bons e docéis como Ele é.

Sonolentas, as ruas pestanejam,
fechando e abrindo as pálpebras da luz,
nos lampeões, em cuja volta adejam
asas de sombra, trémulas, à flux!

Dorme, em cada bercinho, seu bébé...
E sonham que Jesus,
por entre a escuridão da chaminé,
lhes enche de brinquedos a lareira.

Nisto, o sino da Sé
ressôa a meia-noite...

Já se abeira

duma das chaminés o Deus-Menino,
com sua saca cheia de «bonitos»,
e dá comêço à grata faina... Apitos,
pandeiretas,
tambôres,
barcos, comboios, aviões, vapores,
bonecos de estampar,
lápiz de côres,
tudo que existe em montras de bazar,
começa a ser distribuído... Ao fim,

já resta, apenas, um brinquedo; é lindo!
O Menino Jesus olha-o, sorrindo
e diz assim,
reflectindo:
— «Se eu ficasse com êste para mim?!»

Mas, de novo, reflecte. Paira, agora,
sôbre uma chaminé de casa humilde,
casa onde mora



a pequena Matilde,
órfã de pai e mãe, que vive só
com um velho avôzinho... Então, com dó
da pobre pequenita, o Deus-Menino
pega no seu brinquedo, decidido,
põe-o no sapatinho da pequena...

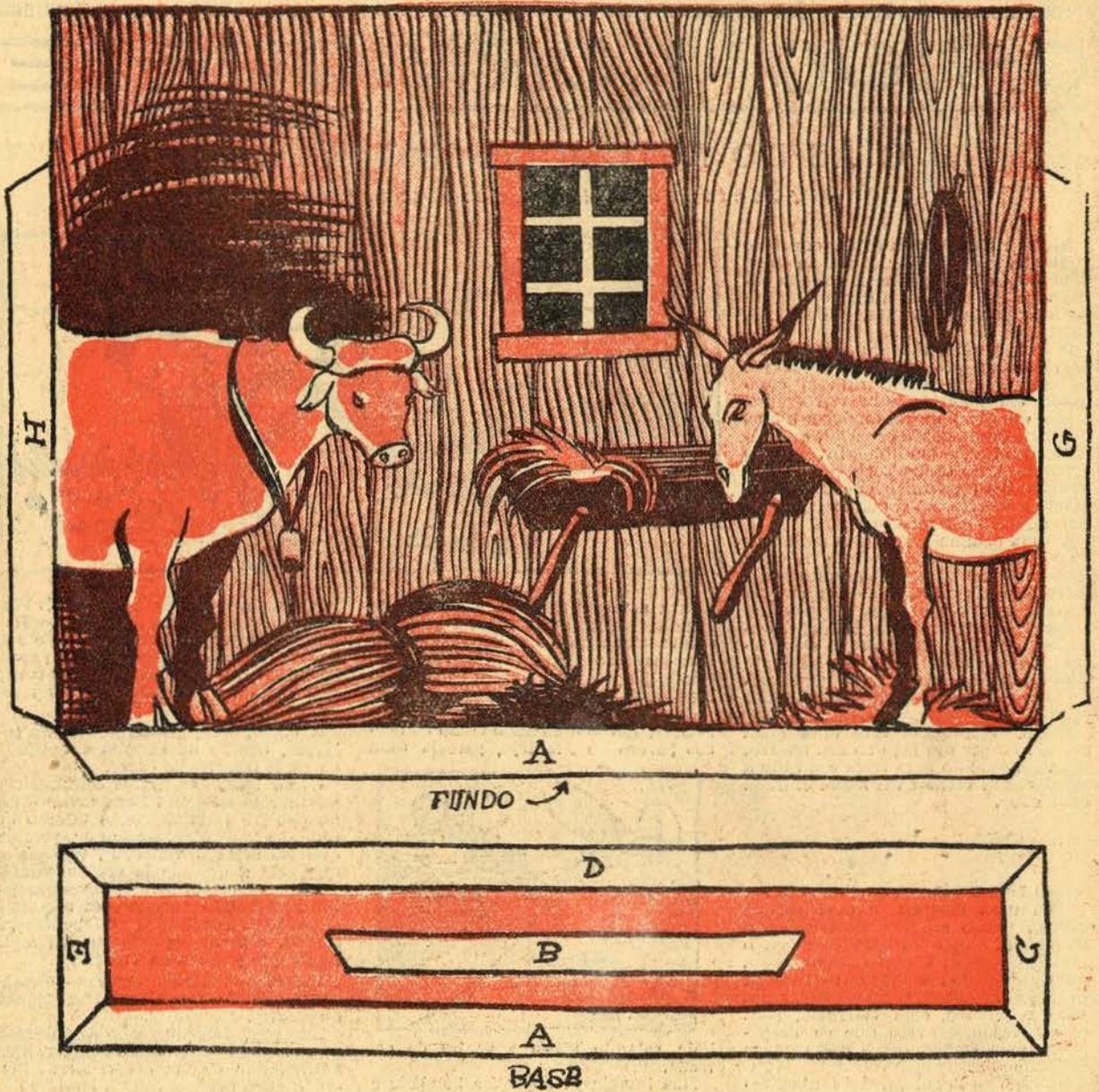
E volta para o Céu, cheio de pena,
saídoso do brinquedo e comovido.

A NOSSA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR:—UM PRESÉPIO

É tão simples de armar o Presépio que hoje oferecemos aos nossos amiguinhos, que quási dispensa qualquer prévia explicação.

Depois de recortadas e coladas, em cartolinã, as gravuras que publicamos nas páginas 5 e 8, dispõem-se da seguinte maneira:

Sôbre a base indicada na gravura, colocam-se o fundo, da página 5 e a frente da página 8; e, entre aquele e esta, as figurinhas que representam Nossa Senhora, S. José e o Menino.



CARTA PARA O CÊU

Por FRANCISCO VENTURA

MENINO Jesus :
Que esteja
De muito boa saúde
E o que mais lhe deseja
Sua amiguinha,
A Jêninha,
A Si mais a Sua Mãe,
A Virgem Nossa Senhora,
E a todos, todos os Seus.



Cá em casa tudo bem,
Tudo bem, graças a Deus!

Ora, Menino Jesus,
Venho fazer-lhe um pedido.
Há-de perdoar-me, sim?
Mas, se eu assim não fizesse,
O Menino não sabia,
Quando chegasse o Natal,
Aquilo que eu mais queria.

Como, agora, eu já não faço
Tudo o que a mãe diz ser feio
E que eu bem vejo ser mal,
Escrevo-lhe esta cartinha
P'ra que não esqueça a Jêninha
Quando chegar o Natal.

(Continua na pagina seguinte)

CHICO TORNIQUETE

O AS DO AUTOMOBILISMO MUNDIAL

(Continuado do número anterior)

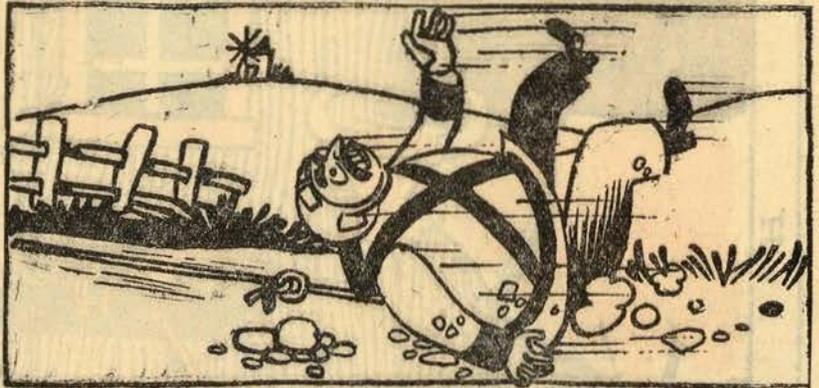
Nicolau Rebola não cabia em si de contente, pensando ter acabado, de vez, com Chico Torniquete. A estrada encher-se de rolos de fumo e línguas de fogo partiam do interior dos cinco carros.

O que, porém, Nicolau Rebola não previra fóra que Chico Torniquete e os seus companheiros tinham comprado em Madrid, num ferro-velho, cinco «chassis» de automóveis e que, por meio duma corda especial, que durava 24 horas — (sublime invento do extraordinário Chico Torniquete!!!) — os «chassis» rodavam pela estrada fóra, dando a impressão, a distância, de serem guiados por mão humana.

A uma distância já muito maior, os cinco automobilistas, — que haviam medo por atalhos para assim despistarem o terrível facinora — riam a bom rir com a partida que lhe pregaram.

A pesar de irem bastante longe, ouviram o barulho de explosão e avistaram Nicolau Rebola que, não contente com a façanha, lançava segunda bomba sobre os destroços fumegantes dos carros.

Então, Torniquete teve uma ideia genial: lançar um laço ao seu terrível inimigo, puxá-lo para terra e levá-lo a rebolar pela estrada até à sua entrada em Lisboa.



nuava a puxar a corda e o corpo do Rebola, agora arrastado na estrada, rolava atrás do carro de Torniquete, bem junto ao carro, para não ser apanhado pelos outros quatro carros que seguíam atrás.

Com os sentidos perdidos, Nicolau Rebola, gordo e anafado como os nossos porcos do Alentejo, parecia uma

mais maquiavélicos processos! Pois agora, meus meninos, que Chico Torniquete tinha à sua disposição o seu terrível inimigo, sentia o coração apertar-se-lhe, olhando para aquele corpo sem defesa, que se arrastava na estrada.

E então, num gesto rápido, sem palavras, tirou-o da estrada e deitou-o na parte trazeira do carro.

Comovidos, os quatro estrangeiros guardaram silêncio! Dominavam-os a bondade, a inteligência, o talento de Chico Torniquete e, a pesar de saberem que ele seria o vencedor, (porque a distância a que ele ia era considerável) não sentiam inveja, antes um nobre sentimento de simpatia e grande admiração. Torniquete não se atrasara nunca, a pesar das tormentas sem nome que passara na viagem.

Entretanto, Lisboa surgia já e o coração de Chico Torniquete trasbordava de alegria.

Não pode descrever-se o aglomerado de gente que estacionava na Avenida aguardando os cinco corredores! Dir-se-lia que Portugal inteiro havia acorrido a Lisboa!!

E Chico Torniquete, vermelho de alegria e de emoção, cortou triunfalmente a meta, entre vivas! hurrahs! e gritos ensurdecedores da multidão. Os quatro companheiros, saltando dos seus carros, abraçaram, comovidamente, o vencedor e Chico Torniquete foi levado, em triunfo, para o melhor restaurante da cidade, onde lhe foi oferecido um opíparo banquete.

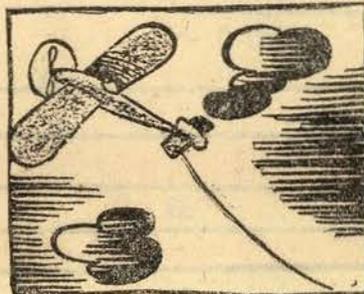
Entretanto, a multidão, já conhecedora dos inúmeros processos criminosos com que Nicolau Rebola quizera aniquilar o grande automobilista, exigia o seu corpo para vingança imediata.

Chico Torniquete, porém, erguendo-se por entre a multidão, exclamou:

— «Eu não sou vingativo, meus senhores, e acho que não temos o direito de destruir uma vida. Proponho, portanto, o seguinte: que Nicolau Rebola tenha cinco anos de prisão.

E... — acrescentou, com um sorriso malicioso — seja ele a entregar-me o prêmio, isto é, a minha estátua em ouro.»

A multidão aplaudiu, vibrantemente,



bola rolando sobre a poeira da estrada.

Mas imaginem o que é a bondade e a perversidade.

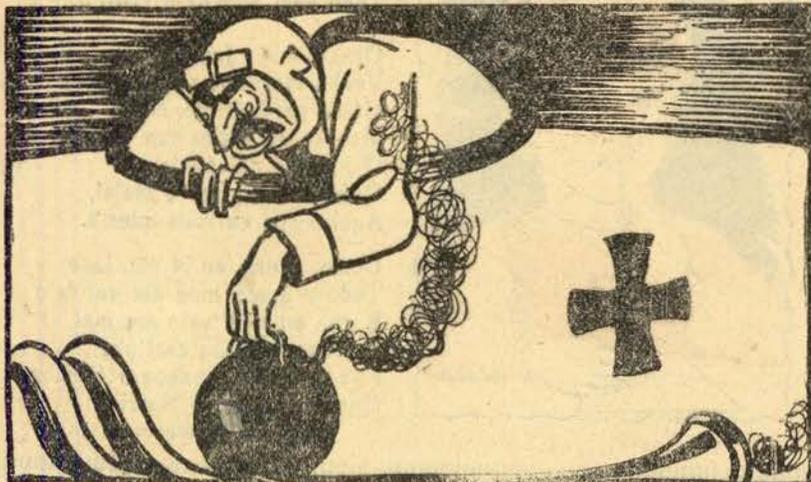
Nicolau Rebola fizera tudo para exterminar Chico Torniquete! Recorrera às mais atrozes torturas, imaginara os

E se bem o pensou, melhor o fez.

Com uma destreza e uma pericia que deixaram atônitos os seus companheiros, Chico Torniquete lança o laço no espaço! E então assistiu-se a um espectáculo inenarrável: — Nicolau Rebola sentindo-se, súbitamente, enlaçado e puxado, com violência, para terra, largou o avião que se despeñou, com fragor, sobre uns campos abandonados.

O corpo de Rebola, quase fantásticamente, caiu em chelo sobre um enorme montão de camisas de milho que secavam ao Sol, sobre uma eira.

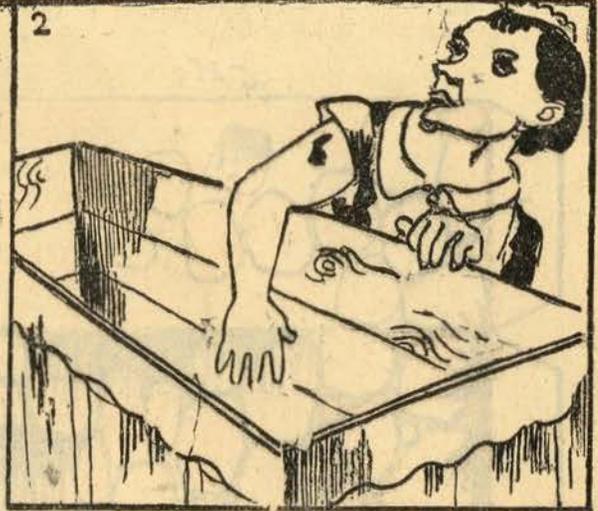
Entretanto, Chico Torniquete conti-



COISAS DA GERTRUDES POR GUIDA DINIZ



TINHA a Gertrudes criada, um feitio extraordinário: mandavam-lhe fazer coisas, fazia-as sempre ao contrário.



Um dia, o grande calxote que faz vezes de sofá, teve de ser todo limpo e pôsto onde sempre está.

Mas a Gertrudes, coitada, com seu pensar reduzido, pôs p'ra cima a parte aberta; fica o sofá invertido!



Põe o colchão, o «cretonne» bem liso mas do avesso... Nisto batem. Vai à porta e entra o senhor Dom Tropêço.

Como era um senhor «tão fino» desejando-lhe agradar, ela indica, ao visitante, o sofá, p'ra se sentar.



Andando, pausadamente, agradecendo com graça, o senhor Tropêço avança... Mas aí!... Que grande desgraça!

Ao sentar seu gracil corpo sôbre o calxote, êle cai e, enquanto desaparece, Gertrudes, gritando, sai.

o grande ás do automobilismo internacional.

...O que ninguém pode imaginar é a cara que Nicolau Rebola fez, no fundo do carro, ao ouvir a sua sentença...

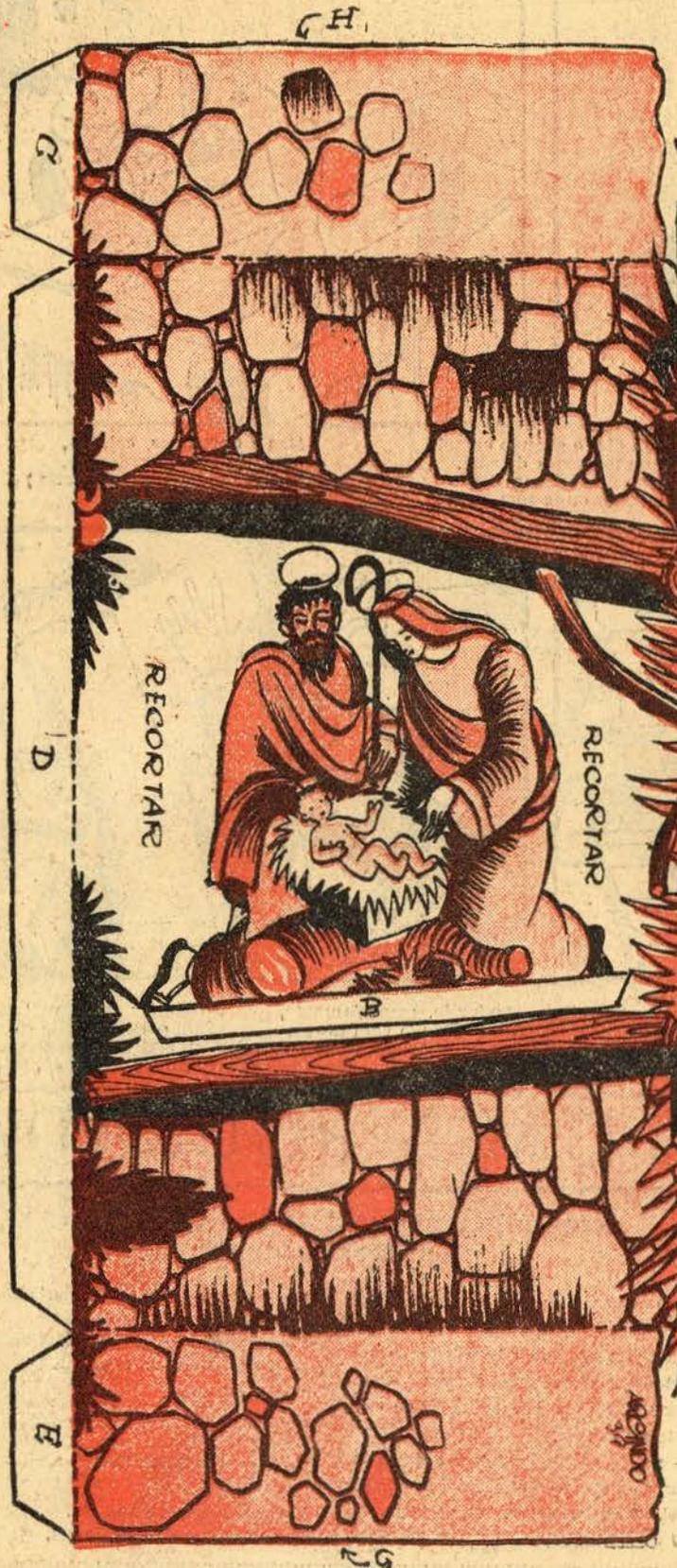
E, de facto, dai a oito dias (o tempo preciso para moldar a estátua) entre uma multidão compacta e entusiasmada, Nicolau Rebola, a ranger os dentes, pálido de raiva, entregou a Chico Torniquete o preciosíssimo prêmio, entre gritos de aplauso e palmas que não tinham fim. Depois da cerimónia, Nicolau Rebola foi encerrado num calabouço e Chico Torniquete, entre abraços, flores e vivas, aclamado em delírio!

E agora... despedimo-nos de Chico Torniquete. Para sempre? Não. Até breve.

A CASA ROUBADA

Respostas ao questionário publicado no número anterior

- 1—O número da casa é o número 8.
- 2—O roubo foi cometido às 9 horas da manhã, pois era esta a hora indicada no relógio da torre ao fundo. A prova que era de manhã, é dada pela indicação do sol, por detraz da torre.
- 3—A data conclui-se pela existência de cartaz anunciando o circo para depois de amanhã 9 de Dezembro. Foi, portanto, no dia 7 do mesmo mês.
- 4—O gatuno entrou pela janela do rez-do-chão, que estava aberta.
- 5—Conseguiu escapar-se, logicamente, pela janela aberta do 1.º andar.
- 6—Duas janelas.
- 7—Cinco.
- 8—Um calxote.
- 9—A casa tem telefone, a avallar pelo poste telefónico.
- 10—A porta estava fechada.
- 11—Estava uma janela aberta.



UM
PRE
SÉ
PIO

COLAR A ESTRELA SOBRE
O ESPAÇO MARCADO COM
A LETRA F

CONSTRUÇÃO
PARA
A R M A R